

## O DISCURSO DA RESISTÊNCIA MOSSOROENSE AO ATAQUE DE LAMPIÃO: TRAJETOS DA MEMÓRIA E DO SENTIDO

Edgley Freire Tavares (UERN)

**RESUMO:** Na cidade de Mossoró, diversas práticas sustentam um discurso memorialista em torno da resistência da cidade ao ataque do cangaceiro Lampião, no ano de 1927. Neste artigo, apresentamos fragmentos da análise empreendida com o objetivo de descrever o funcionamento dessa discursividade, problematizando seus mecanismos, estratégias e efeitos na dispersão dos enunciados na cultura local. A Resistência, tomada como acontecimento discursivo, foi estudada do lugar teórico-metodológico da análise do discurso francesa, evidenciando a análise uma série de regularidades discursivas, interdiscursividades e efeitos de sentido que marcam o funcionamento histórico e semiológico do discurso da Resistência como prática atravessada por diversas relações de saber e de poder. Além disso, a análise discursiva dessa reminiscência da passagem de Lampião em Mossoró possibilitou compreender essa narrativa em sua gênese e nas repetições e transformações da memória, evidenciando como este discurso tem organizado diversas instituições, grupos e lugares enunciativos, marcando a centralidade dessa memória na política, cultura e economia locais.

**Palavras-chave:** Discurso. Memória. Resistência. Mossoró. Lampião.

**ABSTRACT:** In the city of Mossoró, several practices back up a memorialist discourse about the resistance of this city concerning the attack of the bandit Lampião, in the year of 1927. This article objects describing that discourse functioning, questioning its mechanisms, strategies and effect on the statement dispersion in the local culture. The Resistance, taken as a discursive event, was then investigated from the theoretical and methodological place of the AD French, showing the analysis several discursive irregularities, discourse interconnection, and meaning effects that mark the operation of the historical and semiological speech about the Resistance as a practical activity influenced by several acquaintance and power relations. Besides that, the discursive analysis on Lampião's reminiscent coming by Mossoró enables understanding that narrative in its genesis and in its repetitions and memory changes, groups and enunciating places, setting that memory central point in the local politic, culture, and economy.

**Keywords:** Discourse. Memory. Mossoró. Resistance. Lampião.

### INTRODUÇÃO

A incursão pelas ruas, avenidas e prédios da cidade de Mossoró dá uma dimensão exata da centralidade da memória em torno da passagem do cangaceiro Lampião pela cidade na cultura, política, artes e economia locais. O discurso da Resistência, como assim o denominamos, é constituído por uma série de dizibilidades e

visibilidades ao longo das últimas décadas, tornando-se uma simbologia fundante de certos ideais, mitos e identidades que circulam neste município do interior do Rio Grande do Norte.

Estudos anteriores já descreveram a formação, a historicidade e as repercussões sociais da narrativa da passagem do cangaceiro alagoano pelas terras potiguaras com enfoque no episódio de Mossoró. De nossa parte, tivemos o objetivo de problematizar o funcionamento discursivo dessa memorialística, empreender uma análise do discurso da Resistência e descrever suas permanências e redefinições de sentido. Para tanto, conduzimos um trabalho de seleção, organização e análise de materialidades discursivas de diversos gêneros que circularam e circulam na cidade como enunciados dessa formação discursiva (FOUCAULT, 2007). Analisamos o funcionamento de séries de enunciados da mídia, das artes e do discurso acadêmico, colocando em correlação essas formas de linguagem que atualizam uma vontade de verdade sobre o passado mossoroense. A finalidade foi entender as regras históricas e as injunções sociais que determinaram os lugares enunciativos de onde este discurso emana produzindo seus efeitos em diversas práticas discursivas e não discursivas pelo município. Visada esta que se deve a necessidade, apontada por Pêcheux (2011), de que a memória deva ser estudada em sua condição de acontecimento discursivo, pois desta forma é possível colocar em causa o seu estatuto social e seu funcionamento discursivo, a partir da produção, circulação e interpretação das práticas semióticas que põem em jogo determinadas imagens do passado. Vista assim, a memória não é estudada pelo linguista do discurso em sua existência psíquica ou psicológica, mas como um conjunto complexo “constituído por séries de tecidos de índices legíveis, constituindo um corpus sócio-histórico de traços” (PÊCHEUX, 2011, p.142).

Em sua gênese, os tons e os contornos fundamentais dessa narrativa foram gestados por nomes como Câmara Cascudo, Raul Fernandes, Raimundo Nonato, dentre outros memorialistas, decisivos na escrita da Resistência. Entre os quais, destacamos o livro *A marcha de Lampião*, de Raul Fernandes, publicado na época das comemorações dos cinquenta anos da passagem de Lampião pelo município. Em tons épicos, a obra de Fernandes ([1978] 2007) produz o acontecimento da resistência mossoroense ao bando cangaceiro como ponto forte da escritura das glórias de um município que teve um passado de conquistas, vanguardas e liberdades, cidade que possuía líderes políticos fortes, verdadeiros heróis locais cujos herdeiros políticos e ideológicos parecem atuar na manutenção de uma ordem de discurso memorialista que produz efeitos em múltiplas

práticas pela cidade, legitimando-se como uma estratégia narrativa que identifica a coletividade com seu passado valorado.

Os memorialistas do passado mossoroense adotam uma postura enunciativa de guardiões desse tesouro simbólico que se tornou a narrativa da defesa cívica contra os bandidos e perversos cangaceiros. Um indício disso é o prefácio escrito pelo próprio Raul Fernandes, reproduzido em partes a seguir:

“[...] você não pode deixar que se perca a história do assalto de Lampião a Mossoró”. Inúmeras vezes ouvi esse apelo de amigos, do homem comum e de intelectuais.

Em 1927, cursava as Faculdades de Direito e Medicina da Bahia. Nas férias de junho, ao visitar meus pais em Mossoró, encontrei nossa casa tumultuada. Bandidos do interior do Nordeste, liderados por Lampião, planejavam assaltar a cidade – a mais rica do Estado. Ninguém acreditava! A nova chocava a opinião geral. A descrença dificultava os preparativos da defesa idealizada por meu pai, Rodolfo Fernandes, então prefeito. [...]

O assalto a Mossoró despertara a Nação para o grave problema, marcando o declínio do cangaceirismo nessa faixa do Nordeste. Pesava-me, contudo, deixar perder-se, no tempo, o grande feito dos mossoroenses. [...]

A vitória de Mossoró, em prol do bem comum, fixou o heroísmo de seus filhos. Feito proclamado nos quatro cantos do País. Lição de grandeza de um povo pleno de civismo consciente, do qual todo o Nordeste exultou agradecido.

Reverencio a memória de meu pai Rodolfo Fernandes. Louvo a coragem daqueles que o ajudaram – a Polícia e a população, em geral. Nesse trabalho não desejei desmerecer pessoas. Cabe à História o julgamento.

Raul Fernandes.

(FERNANDES, 2007, p. 23-24)

O tom vanglorioso e hiperbólico do livro de Raul Fernandes é antecipado ao leitor por Câmara Cascudo que vê naquela obra um testemunho à História baseado na veracidade dos fatos, algo que, segundo Cascudo (2007), serviria ao patrimônio emocional da Terra e da gente que o autor amava, filho mossoroense como era Raul Fernandes. É assim que vamos ler Câmara Cascudo insinuar-se na mesma narrativa de engajamento que compõe o livro que prefacia, atualizando as imagens, as representações e as ideias que os anos iriam sacralizar como basilares de uma semântica da Resistência. Ao seu modo, Cascudo ([1978] 2007) vai explicar, por referência aos meios sociais, climáticos, psicológicos e mesmo econômicos, o episódio contra os cangaceiros, tática narrativa usada em uníssono pelos escritores que buscam se posicionar como historiadores de Mossoró.

Destacamos do prefácio do folclorista natalense o final:

Creio, lendo esta “MARCHA” admirável, que Raul Fernandes ouvia a  
confidência sonora e persistente de Luís de Camões.  
Não me mandas contar estranha história,  
Mas mandas-me louvar dos meus a glória!  
Natal, janeiro de 1978.  
Luís da Câmara Cascudo  
(CASCUDO, 2007, p. 21)

O discurso da Resistência, em seu funcionamento semiológico e histórico, conhece deslocamentos e transformações ao longo das últimas décadas. Contudo, a pesquisa que realizamos apontou uma série de recorrências possíveis a partir da escrita engajada desses memorialistas. Em sua dispersão, a narrativa da Resistência se estrutura a partir de quatro grandes temas: *a cidade de Mossoró, os bandidos cangaceiros, os resistentes mossoroenses e a batalha de 13 de junho de 1927*, disposição delineada sobretudo a partir da década de 1950, período que coincide com a instauração na cidade de uma espécie de política simbólica patrocinada pela oligarquia dos Rosado. Essa política de reminiscências e essa vontade de verdade em torno de um passado glorioso certamente deve ser creditada a este grupo político, mesmo que hoje outras instituições, grupos e estéticas discursivas operem em torno da manutenção dos efeitos dessa tradição (CASCUDO, 2010; FALCÃO, 2011; FELIPE, 2001; PAIVA NETO, 1998; SILVA, 2004). Isso nos faz crer que a memória tem caráter construcionista, um estatuto discursivo, algo que se inventa entre o subjetivo e o coletivo. Nestes termos, concordamos que a memória não é o espelhamento do passado, e sim “uma imagem engajada em outras imagens, uma imagem genérica reportada ao passado” (HALBWACHS, 1990, p. 73).

Parece-nos justificável apresentar o percurso analítico empreendido a partir destes movimentos da memória e do sentido, evidenciando as permanências e as redefinições que foram possíveis nesta formação discursiva. Hoje, há uma heterogeneidade enunciativa em torno da temática da Resistência que é responsável pela manutenção da hegemonia e dos efeitos dessa narrativa em Mossoró, em aspectos distintos do cotidiano da cidade.

## 1. Materialidades do discurso da Resistência

Na dispersão da escrita memorialista de acadêmicos ou intelectuais ligados às elites política e econômica do Estado há, como dissemos, séries de dizibilidades e

visibilidades responsáveis pela manutenção deste discurso. E, isto, nos mais diversos domínios e gêneros discursivos, a exemplo da materialidade a seguir:

### *Materialidade 01*



*Folder do Mossoró cidade junina, edição 2007. Acervo dos autores*

Enunciado que deixa entrever a centralidade dessa memória em práticas diversas do cotidiano, operando novos jogos de sentido. No plano do conteúdo, o folder se estrutura em linguagem verbal e imagética, dispõe novos significantes ao lado da figura-tipo do cangaceiro, num sincretismo de linguagens que vai promover o turismo artístico ou de eventos durante as festividades juninas que ocorrem todos os anos na cidade. Nisso, a memória em torno do assalto de Lampião volta, diferentemente, para dotar de significado velhos e novos significantes. Perfilados na imagem, numa sintaxe visual que já demarca sentidos, estão três bonecos ou fantoches típicos do chamado teatro de marionetes, forma de expressão artística teatral já antiga. Da esquerda para direita, se vê as figuras de um cangaceiro, um tocador de sanfona ou *acordeon* e outro boneco, trajado usando o que parece ser um paletó, gravata e um chapéu tipo panamá. Tais figuras, enquanto significantes, passam a fazer sentido quando associadas a uma rede de memórias, ao lembrarmos, por exemplo, das fotografias de Lampião que se preservaram, e do fato de que em muitas delas dá para se ver um dos olhos vazados do

bandido, sinal ou indício imagético que se repete no folder promocional do *Mossoró cidade junina*.

Enquanto sincretismo de signos, o folder opera um deslize do significado quando realiza uma transformação da representação hegemônica do cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, pois a memória do bandido cruel e sanguinário é atualizada ou deslocada, tornando possível outra figuração na qual Lampião aparece com semblante sereno, marionete do discurso de promoção da cidade e dos seus atrativos turísticos. Daí em diante, começa a fazer sentido todo o restante da iconografia, a começar pela figura do terceiro boneco, conotação que alude à figura do ex-prefeito Rodolfo Fernandes, líder político local à época da invasão de Lampião, sendo a mesma memória icônica que valida tal afirmação, pois em fotografias ou outras materialidades discursivas o prefeito aparece trajando tais tipos de vestimentas.

Além disso, é na correlação que estas figuras do teatro de marionetes produzem efeitos de sentido. Justapostas e tematicamente antagônicas, as figuras do bandido e do prefeito formam uma espécie de estrutura narrativa que é recorrente em toda essa formação discursiva e funcionam como dois polos temáticos e semânticos centrais em todo funcionamento desse discurso da Resistência, ainda que passemos a ver, sobretudo na atualidade, tais polos temáticos se transformando ou agregando outros sentidos, num movimento próprio da discursividade. Nesse folder promocional, as representações do cangaceiro e do prefeito são referências a uma narrativa posta em evidência todo o mês de junho na cidade: a luta entre os mossoroenses, resistentes personificados na figura do prefeito, e os cangaceiros, representados na reprodução clássica da figura do cangaceiro. A disposição imagética se completa com a representação de um sanfoneiro, dada pela própria situacionalidade em jogo, e pelo enunciado verbal: “Mossoró já botou Lampião pra correr. Agora vai botar você pra dançar forró”. Nesta espécie de turismo de eventos, o estilo musical forró é realçado como sendo outro traço ou fundamento daquilo que seria o próprio da cultura ou de uma identidade cultural mossoroense.

Atualiza-se, aqui, toda uma estratégia de atribuição de significados que colam certas imagens, interpretações e representações às espacialidades, correlacionando novos significantes à memória da Resistência. Entre o visual e o verbal, os efeitos de sentido da materialidade são também sintetizados pelo jogo de palavras “botou pra correr, botar pra dançar”, no qual o próprio emprego dos tempos verbais é uma forma de ler as tensões e contradições que marcam uma formação discursiva na qual o passado sempre ressoa no presente.



conhecida operadora de telefonia móvel, pela COSERN, pela Lei Câmara Cascudo<sup>1</sup> e pelo próprio Governo do Estado, além de várias outras instituições de apoio. Em seu funcionamento, o anúncio da Feira do livro de Mossoró, no ano de 2007, produz efeitos cruciais na compreensão dos efeitos atuais da narrativa da Resistência na cultura local. Além de dispor o nome da empresa idealizadora, dos seus patrocinadores e apoiadores culturais, traz no canto superior o slogan: “Um mundo de livros para você!!!”. A primeira observação dessa materialidade é que o perfilhamento de uma série de patrocinadores, idealizadores e apoiadores materializa a intrincada relação do que é dito e mostrado com os lugares de produção do discurso, indício da regulação institucional dos discursos.

Não se trata apenas da explicitação da gestão de um evento literário, social e cultural, e sim, de uma espécie de gestão dos sentidos, daquilo que passa a significar a cidade e suas práticas. Materializa-se, portanto, neste enunciado, a diversidade de instituições que regulam os sentidos daquilo que é visibilizado como o próprio da cidade, como significativo de sua cultura ou daquilo que lhe é importante. Destaca-se, além disso, o modo como o leitor tem o olhar direcionado mais fortemente para o cartoon que compõe toda a margem central do cartaz. Nele, sob a premissa de que uma feira de livros deve atrair diferentes públicos, é possível ver a imagem de alguém segurando um livro aberto, cujo conteúdo atrai outras pessoas, em sua maioria crianças, e no canto direito do layout, encontra-se a figura-tipo do cangaceiro. É preciso tentar entender, pois, essa inserção da figura de um cangaceiro na discursividade da cena.

Assim como ocorre em outras cidades pelo Brasil, é interessante fazer notar o modo como a memória em torno do cangaço ou a memória lampiônica é cultuada, trabalhada e organiza práticas diversas. Na propaganda da Feira do Livro, a figura-tipo do cangaceiro, enquanto significante, parece não estar vinculada aos significados de bandido construídos historicamente em torno dessa figura. Na publicidade em foco, novos sentidos parecem emergir quando a imagem estereotipada do cangaceiro é posta funcionando como a representação de um curioso leitor, fazendo parte da cena, num gesto do criativo que expressa uma vontade de verdade no modo como tal representação é incluída em práticas na cidade. Ao invés de estranhar, a retórica da imagem central do anúncio produz o efeito de fazer com que, trazida à tona, a memória do cangaço

---

<sup>1</sup> Criada por meio da Lei nº 7.799, de 30 de dezembro de 1999 para normatizar sobre a concessão de incentivo fiscal para financiamento de projetos culturais no âmbito do Estado do Rio Grande do Norte, a Lei Câmara Cascudo se baseia no incentivo à cultura a partir de desconto de 2% sobre o ICMS, com teto de R\$ 6 milhões.



signifique como algo próprio da cidade. O cangaço, deste modo, passa a ser uma metonímia da cultura local.

Em outra materialidade,

### *Materialidade 03*



*Foto do Outdoor do Motel Vert. Acervo dos autores.*

Os tons anedóticos típicos do gênero denotam a atualidade e o peso da temática ou memória em torno do Cangaço, como aspecto central nessa formação discursiva. No outdoor, um tom jocoso marca a possibilidade interdiscursiva com o discurso em torno do sexo, numa campanha do *Motel Vert* que circulou na cidade no mês de junho de 2011, época na qual se acentua a espetacularização em torno dos ideais da Resistência. A publicidade em questão trabalha a argumentação a partir de um jogo com a memória do cangaço, resquício do acontecimento da Resistência. A publicidade, elaborada em tons de verde, cor predominante na marca, joga com a memória do famoso casal cangaceiro, Lampião e Maria Bonita, numa sintaxe cujo jogo metafórico e metonímico das palavras “Maria – acenda – Lampião” produz sentidos pela ausência, numa cultura em que o vigor sexual é metaforizado na ideia de fogo, marcada na metáfora do palito de fósforo apagado, a ser novamente aceso. Além do funcionamento na interdiscursividade, a atualidade dessa formação discursiva traz recorrente outro efeito, o deslocamento, materializado numa campanha publicitária da TCM, emissora televisiva e empresa local do ramo de TV e internet por assinatura. As duas materialidades a seguir exploram o tema da Resistência e produzem como efeito uma inversão:

*Materialidade 04*

*Reprodução de publicidade da TCM. Acervo dos autores.*

*Materialidade 05*

*Reprodução de publicidade da TCM. Acervo dos autores.*

Marcada na representação das personagens e, sobretudo, no emprego do verbo *resistiu*, nessa campanha que circulou em 2013, também no mês de junho, período no

qual é encenado o espetáculo Chuva de Bala no país de Mossoró, inclusive, participam da publicidade os mesmos atores locais que contracenam no palco, interpretando Lampião e Jararaca. As duas materialidades ilustram o surgimento de uma nova regularidade de enunciados cujo advento opera uma transformação na forma hegemônica de tematizar os objetos que se formam nessa discursividade da Resistência. As materialidades trazem outra recorrência na forma de tematizar o cangaceiro, modalização só possível numa atualidade na qual a imagética do cangaço serve a outras práticas, de caráter artístico, turístico e comercial, nas quais os enunciados se deslocam da representação hegemônica do cangaceiro enquanto bandido, mal social, indivíduo sem escrúpulos e violento.

A arqueogenealogia dessa outra forma de tematizar o cangaceiro aponta-nos que há um deslocamento, uma ruptura no visível e no enunciável que possibilita o cangaceiro aparecer em novas práticas do discurso enquanto garoto propaganda de uma emissora televisiva local. Em toda sua composição, as duas materialidades inserem a figura dos cangaceiros em outra cena, na qual a iconografia e estética do cangaço dividem espaço com tecnologias do presente, como o controle da TV e o tablete, segurado pelo ator que interpreta Lampião na publicidade. Contudo, o deslocamento maior é produzido a partir do enunciado “Nem Lampião resistiu”, que dialoga com a expressão-chave dessa narrativa aqui estudada, recorrente em várias práticas pela cidade: resistência de Mossoró ao ataque de Lampião.

A publicidade da TCM trabalha a memória da Resistência como forma de identificar os seus serviços com a memória do lugar. Em síntese, o efeito de sentido “nem Lampião resistiu à TCM” inverte a própria ideia de resistir produzida nessa formação discursiva, já que a ideia ou saber que se produz tradicionalmente em Mossoró é o de uma cidade e de um povo que resistiu ao Lampião, inversão que julgamos ser possível dada a própria linguagem anedótica da mídia e aos próprios movimentos da memória, pois a memória não escapa aos movimentos da história, está sempre, pois, em devir, na diferença.

A série enunciativa apresentada neste tópico, e que no geral podemos reconhecer como sendo do discurso midiático, é constitutiva de nosso *corpus* enquanto uma série de outra, maior, parte deste sistema de formação aqui estudado, como um efeito de conjunto. Para a análise do discurso, o que importa descrever são as correlações, coexistências ou associações que os enunciados mantêm com outras práticas, discursivas ou não, de uma mesma formação discursiva ou de várias, posto que

tais inter-relações constituem condição imprescindível para que uma dada sequência de signos surja enquanto enunciado discursivo, visão que difere da descrição formal do linguista. Disso Foucault (2007) trata em *A arqueologia do saber*, quando teoriza a existência do enunciado no arquivo, pensando os enunciados enquanto filigranas e unidades de análise na descrição dos acontecimentos discursivos. Essa definição de enunciado proposta na arqueologia foucaultiana, da qual deriva todo um conjunto de princípios, pressupostos e perspectivas para os trabalhos atuais em análise do discurso não pode ser apreendida fora do próprio contexto em que o autor a propôs. Em certa medida, é isso que justificaria a clássica correlação que Foucault (2007) faz da categoria de enunciado por ele delineada com outras unidades de análise na tradição dos estudos linguísticos.

O efeito de acúmulo dos enunciados também se dá por meio da recorrência. Todo enunciado compreende um campo de elementos antecedentes em relação aos quais se situa. Em análise do discurso, não se fala em recorrência como uma espécie de movimento sinonímico, pura repetição, pois apesar de o enunciado ter uma materialidade repetível e funcionar, sob certas condições semelhantemente, o campo enunciativo ou regime de enunciabilidade possibilitam relações de reorganização e redistribuição, de diferença, entre dado enunciado e seu campo antecedente, a dimensão do já dito, a partir da qual se dão as tramas entre a memória e o esquecimento, a repressão ou a proliferação dos efeitos de sentido.

Os enunciados também possuem valores estatutários diferentes, conforme funcionam no domínio associado, com correlações de lugar e de sentido que os singularizam uns em relação aos outros. Por meio disso, foi possível afirmar, entre as hipóteses de trabalho fundamentais, que a escrita memorialista de autores como Raimundo Nonato, Raul Fernandes e Raimundo Soares de Brito definiu muito o que se diz ou se faz ver sobre o episódio envolvendo a passagem dos cangaceiros por Mossoró, no ano de 1927. Acreditamos que estas escritas contribuíram decididamente para sedimentar uma memória discursiva por meio de certos efeitos de sentido, imagens, representações e expressões-chave que permanecem até hoje nas práticas que atualizam essa memória, em diferentes movimentos de paráfrase e polissemia. Entretanto, estejamos sensíveis, como aponta a perspectiva arqueogenealógica, para que a descrição dos enunciados não se apoie na imagem do retorno, pois analisar a discursividade não é voltar no tempo e recolher a unidade do discurso a um momento fundador, como o da escrita desses memorialistas citados, ou dotar o já dito de um segundo nascimento,

como nos diz Foucault (2007, p.141), e sim analisar “[...] os enunciados na densidade do acúmulo em que são tomados e que, entretanto, não deixam de modificar, de inquietar, de agitar e, às vezes, de arruinar”. Ao orientarmos a análise do discurso da Resistência mossoroense ao ataque de Lampião por meio da reflexão foucaultiana, dois outros pontos foram fundamentais na análise dos enunciados dessa formação discursiva: as dimensões do a priori histórico e a do arquivo.

Para Foucault (2007), o a priori histórico seria a condição de realidade para enunciados, e isso, não no sentido de algo anterior que validaria ou tornaria legítima tal ou tal assertiva, e sim algo que permite “[...] isolar as condições de emergência dos enunciados, a lei de sua coexistência com outros, a forma específica de seu modo de ser, os princípios segundo os quais subsistem, se transformam e desaparecem.” (FOUCAULT, 2007, p. 144). A priori não das verdades que poderiam ou deixaram de serem ditas, e sim o da história das coisas efetivamente ditas, algo que permite descrever os enunciados em sua dispersão, em sua historicidade própria, algo que permite “[...] dar conta do fato de que o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história, e uma história específica que não o reconduz às leis de um devir estranho”. (FOUCAULT, 2007, p. 144). Antes de mais nada, o enunciado é histórico, possui uma forma de dispersão no tempo, um modo de sucessão, uma estabilidade de reativação, uma rapidez de desencadeamento ou rotação que lhes dá sua singularidade, sua raridade.

O a priori histórico incide em todo exercício da função enunciativa, a começar pelas próprias formas ou gêneros a partir dos quais o discurso funciona, e aí teríamos, segundo Foucault (2007), algo como um a priori formal, sem falar do peso sobre os temas que o discurso acolhe, as posições de enunciação que determina, as estratégias e os efeitos de sentido que produz. A noção de a priori histórico como condição de possibilidade para enunciados permite compreender os movimentos da história e dos sentidos não simplesmente como uma contingência aleatória extrínseca aos enunciados, mas sim como algo possível por meio de uma regularidade própria aos enunciados.

Para nosso propósito, foi fundamental considerar a modalidade de existência de enunciados que conjugam textos verbais com traços, símbolos, sinais e imagens como modalidade presente no funcionamento do discurso da Resistência. Com isso, fez parte do nosso percurso analítico a proposta de descrever os enunciados sincréticos e o modo como tais enunciados conjugam memórias e produzem sentidos. Em toda sua extensão, o funcionamento de uma prática discursiva sobre a passagem de Lampião em Mossoró

inquietação pela produção de uma memória constante e mutante, tornada legitimada como espécie de saber oficial que cada vez mais tem sido dizível e visível naquela cidade. Nesse aspecto, é crucial tentarmos entender como a produção dessa memória e dos saberes sobre a cidade atravessam e são atravessados pela narrativa da Resistência. Para tanto, reproduzimos dois painéis que decoram, respectivamente, a entrada de um supermercado e a faixa interna de um restaurante locais:

*Materialidade 06*



*Reprodução de painel do Supermercado Rebouças. Acervo dos autores.*

*Materialidade 07*



*Reprodução de painel do restaurante Tábua de carne. Acervo dos autores.*

Em conjunto, as duas materialidades possibilitam refletir a dimensão da memória, sua fusão com outros quadros de referência ou seus deslocamentos, como efeitos do funcionamento do discurso. Os dois painéis perfilam o que seriam aspectos do lugar, como produtos típicos, artistas regionais, tipos sociais e aspectos naturais, climáticos e econômicos, representativos da espacialidade mossoroense ou constitutivos de certa identidade local. Nessa produção do que é o próprio da cidade, é possível atender para a atualização de certas memórias sociais ou culturais que são selecionadas entre tantas outras para compor uma espécie de mosaico mossoroense, numa operação de memória que fabrica discursivamente uma identidade ligada a uma série de temporalidades e espacialidades regionais, uma ordem do olhar que instaura identificações, demarcações simbólicas e uma determinação semântica. Pollak (1989) teoriza isso em termos de pontos de referência que estruturam a memória coletiva, elementos dos quais somos constantemente lembrados por meio de táticas simbólicas diversas. Tais elementos, como afirma Pollak (1989), são indicadores empíricos da memória de determinado grupo, e diríamos no caso destes painéis, fabricações discursivo-imagéticas que buscam diferenciar e singularizar dada espacialidade a partir de sentimentos de pertencimento ou a partir de determinadas fronteiras socioculturais.

A produção da memória coletiva é para Pollak (1989) uma imposição, uma forma específica de violência simbólica. Do seu ponto de vista construcionista,

Não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade. Aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar portanto pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias. (POLLAK, 1989, p. 04).

A duração e a permanência da memória da Resistência, em especial da recorrência do tema do cangaço, são arranjos de saber e poder próprios a um dispositivo cultural que encerra múltiplas estratégias e táticas simbólicas na cidade. Tal operação de estabilização ou formalização de memórias representativas de Mossoró está materializada nos dois quadros, efeito produzido no modo como os artistas que assinam os quadros realizam certas aproximações com o imaginário ou imagética da região Nordeste, tática que visa aproximar a semântica do lugar e uma identidade cultural local a este plano simbólico mais amplo.

Apesar da recorrência a tais simbolismos, devemos estar atentos à singularidade desse retorno, e aos seus efeitos, pois esta operação de memória, enquanto estratégia discursiva que articula o que seriam certos elementos regionais, faz aparecer um novo sentido, no caso, o efeito de identificação da cidade de Mossoró com essa memória do regional ou do tipicamente nordestino.

Na disposição das imagens que compõem os quadros temos um efeito de interpretação ou uma releitura que “[...] transforma o cânone, mas ao mesmo tempo o atualiza em sua historicidade, em sua remanência na memória longa de nossa sociedade” (GREGOLIN, 2011, p. 90). Entre tais traços ou elementos simbólicos, tomados nessas duas materialidades como elementos de referência da cidade, persistem as representações dos cangaceiros, inclusive o painel da direita reproduz a iconografia das figuras de Lampião e Corisco, tal como as vemos representadas em outras produções discursivas, em imagens, fotografias, filmagens e expressões artísticas diversas que recorrem ao tema do cangaço, ainda que o façam os dois painéis de forma singular, pois as figuras de Lampião e Corisco, assim como as demais, são postas em tela para significarem como aspectos mossoroenses. E, evidentemente, essa operação de memória, de atribuir sentidos à cidade e ao seu passado (ou ao seu presente), amplia aquilo que definimos como memória discursiva da Resistência. Essa reprodução ou inscrição da iconografia do cangaço, em meio a outros supostos sinais identitários mossoroenses, é uma forma de manter o acontecimento da Resistência visível como inerente à espacialidade mossoroense ou pertencente àquilo que a identifica no presente, no sentido de que o tema do cangaço é estruturante dessa narrativa da Resistência, e como tal, deve ser mantido circulando e produzindo sentidos em práticas na cidade.

Ainda em seu texto, Pollak (1989) lembra que a memória, enquanto matéria de estudos, é abordada quando a própria memória entra em disputa, onde existe conflito entre memórias concorrentes. Estudar o fenômeno é estudar o enquadramento de uma memória em detrimento de outras, e nisso, o analista do discurso busca compreender a função desse enquadramento. Nesse sentido, a memória se constitui em uma “operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar”. (POLLAK, 1989, p. 09). Para o autor, esse enquadramento reforça sentimentos de pertencimento, atende a grupos e instituições que buscam legitimar e perpetuar seus lugares sociais. Além do mais, esse trabalho de enquadramento se alimenta dos acontecimentos da história, podendo tais acontecimentos ser interpretados, reescritos a partir de novas referências associadas na tentativa de modificar as fronteiras sociais e



com isso reinterpretar o passado em função de estratégias do presente e do futuro. Nesses termos, é inevitável pensar que há todo um trabalho de controle e regulação na produção dessa memória. Nesse aspecto, como dissemos, a memória funciona discursivamente, pois é possível afirmar que sua produção, circulação e permanência são determinadas pelas regras de uma prática discursiva e nos limites de uma ordem de discurso.

Essa permanência e atualização da memória da Resistência, materializadas nas palavras e nas imagens, chama-nos a atenção para a própria opacidade do discurso, ou seja, para o fato de que essa canonização de aspectos simbólicos é produto de uma elaboração histórica, como diz Gregolin (2011), por meio de agenciamentos e técnicas diversas. Esses agenciamentos garantem que certos acontecimentos discursivos retornem com muita força na memória social e, em contrapartida, outros acontecimentos sejam apagados, de modo que estes não possuam nem status e nem função na manutenção de certa ordem do discurso, dado seu controlado silenciamento.

Em análise do discurso, a tensão entre memória e esquecimento é assim sintetizada por Gregolin (2011, p. 90-91):

Por que determinados acontecimentos escapam à inscrição e não entram para a história e são, pelo contrário, apagados? Deriva desse movimento pendular toda a discussão sobre a memória e esquecimento, sobre a dialética entre a rememoração de determinados acontecimentos e o apagamento de outros. O acontecimento se dá em um momento singular, mas a sua essência se encontrará para sempre na própria estrutura do objeto cultural que o representará. Isso está lá, nessa forma, nessa materialidade que ele adquire. Ele se tornará documento histórico e monumento de recordação. Ele vai se inscrever em uma materialidade, em uma forma, e estará à disposição dos futuros aparecimentos. Tanto há uma memória para o passado como há uma memória para o futuro, pois um acontecimento discursivo abre sempre a possibilidade do seu retorno.

É nesse jogo entre fazer lembrar e fazer esquecer que o estatuto das materialidades discursivas deve ser considerado. O enunciado-acontecimento o é por sua função e pelo lugar que ocupa entre outras práticas, discursivas ou não, e pelas relações que põe em jogo (FOUCAULT, 2007). Na cidade de Mossoró, há todo um regime enunciativo que autoriza, regula e refrata as formas de uma memória da Resistência, desde a produção de escritos memorialistas que iniciaram com o escopo definido de lapidar uma memória sobre o passado mossoroense no que diz respeito à passagem dos cangaceiros pelo município. Como veremos, dessas escritas em diante,

tornou-se possível observar quais formas de inscrição dessa memória foram possíveis e legitimadas, e portanto, toda uma operação discursiva memorialista que atravessou e se deixou atravessar por outras memórias, histórias e gêneros discursivos, ao passo que outras práticas, visões e escritas do passado local ficaram pelo caminho, silenciadas ou menos valorizadas.

Consideremos como efeito central no funcionamento da narrativa da Resistência o movimento de retomadas e ampliações que não cessou de se ampliar desde a década de 1950. Para fundamentar esse ponto recorreremos a Orlandi (2008) e à sua noção de texto como formulação, pensada no funcionamento discursivo, perspectiva que se mostra proveitosa sob vários pontos. Já no prefácio da obra, a autora nos diz que os processos de produção do discurso implicam três momentos relevantes: I. Sua constituição, na dimensão da historicidade, a partir da memória do dizer, fazendo intervir na textualização do discurso o contexto histórico-ideológico mais amplo; II. Sua dimensão de formulação em condições e circunstâncias de enunciação específicas; III. Sua circulação em determinada conjuntura e segundo certas condições ou regras históricas em uma dada prática discursiva.

## **2. Mosaico da Resistência**

Empreendida como uma análise histórica e semiológica, o percurso analítico do discurso da Resistência não buscou compreender a formação e o funcionamento de uma essência, pois não flertamos com tal possibilidade, mas supondo trabalhar sob inteligibilidades possíveis, conseguimos compreender aspectos do funcionamento dessa memorialística. De um ponto de vista teórico definido em termos de uma arqueogenealogia do discurso, operação de interpretar e descrever histórica e semiologicamente enunciados, foi possível apreender um efeito de unidade nesse discurso. Tal efeito de unidade pôde ser apreendido na dispersão dos enunciados estudados, na heterogeneidade das posições enunciativas em torno do acontecimento, nos diversos gêneros, mecanismos e efeitos de sentido, tal como se evidenciaram no conjunto das práticas discursivas e não discursivas dessa formação discursiva. E que fique claro, são estes enunciados que produziram a Resistência, não como um fato no passado que estivesse já lá como uma essência a ser recuperada, mas como um acontecimento que é da ordem do discurso, nele e por ele construído, uma verdade discursiva produzida por jogos de linguagem, de um real que é construído como discurso.

A escrita da pesquisa tentou mostrar este efeito de um todo ao longo da análise, de modo a trabalhar sempre na tensão entre teoria e analítica, num batimento que não pode ser dissociado. Nesse percurso analítico, mostramos a passagem de uma discursividade ligada à ideia de invasão de Lampião e da comoção pública causada, materializada na imprensa, depoimentos e registros da época de 1927, para uma narrativa fortemente engajada em produzir uma semântica da Resistência, construindo o episódio de forma épica e glorificando a cidade e os mossoroenses na vitória contra os bandidos. Como mostramos, este deslocamento se marca na escrita memorialista de alguns intelectuais locais, pessoas ligadas à elite da cidade e que se engajam visivelmente em consolidar as ideias de Terra da Resistência e dos resistentes mossoroenses, produzindo textos fundamentais para a formação desse discurso. Em livros como o de Fernandes (2007), exemplo dessa modalidade enunciativa, encontramos uma escrita memorialista ligada a diversas injunções políticas e sociais que torna possível uma espécie de definição temática que permanece até hoje sustentando outras práticas e outras enunciabilidades com a temática da Resistência, na cidade de Mossoró. Em certa medida, arriscamos apontar que a dispersão enunciativa com a temática da resistência que é dizível e visível em diversos outros gêneros e modalizações, a exemplo da mídia, das artes urbanas, da literatura de cordel, do teatro e de uma estetização urbana, tornou-se algo possível a partir das escolhas temáticas, dos objetos de discurso e das disposições narrativo-semânticas propostas na escrita desses autores.

O discurso da resistência mossoroense ao bando de Lampião funciona à maneira de um mosaico, compondo-se de diferentes partes, textualidades, formas e cores, fragmentos de discurso que imprimem formas de interpretar e construir diferentemente o acontecimento de 1927. E nesse retrato da memória mossoroense cuja montagem se dá na heterogeneidade, nossa analítica buscou evidenciar sobretudo as regularidades do funcionamento histórico e semiológico dessa discursividade que, desde a década de 1950, não cessa de produzir efeitos de verdade sobre o passado do município, sobre o seu povo e sobre a passagem de Lampião pela cidade, tornada visível, dizível e lembrada, em quase toda as formas dessa narrativa, como uma vitória épica e gloriosa, feito memorável que jamais poderá ser coberto pelo silenciamento.

O lugar de analista do discurso assumido nos impôs uma série de pressupostos e desafios na leitura das materialidades discursivas constitutivas do corpus de análise. Esperamos ter mostrado, nesse aspecto, que a descrição e a interpretação apresentadas

nesta escrita da pesquisa buscaram desnaturalizar a Resistência, entendê-la na atualidade a partir de um trabalho arqueogenealógico sobre as formas de expressão e das correlações que ao longo das últimas décadas tornaram-na possível como uma verdade histórica.

Reforçamos que a Resistência é uma ficção, um acontecimento de discurso, uma construção de diferentes práticas de interpretação do passado da cidade que inscrevem na cultura local certas dizibilidades e visibilidades que vão formalizando um modo de dizer, ver e lembrar a passagem do cangaceiro Lampião e seu bando pelo Rio Grande do Norte, no ano de 1927. Uma prática de reminiscência que procura forjar de modo ufanista uma memória coletiva capaz de agenciar diversas práticas e se impor enquanto quadro de referência para indivíduos e instituições. Nesse sentido, ao desmontarmos as peças desse mosaico, para entendermos como cada uma funciona em sua raridade ou singularidade, ficou em evidência o engajamento com uma memorialística ufanista, assumido por diversas instituições, grupos e indivíduos ao longo dos anos. E, em parte, esse engajamento serviu de baliza para selecionarmos aquilo que analisaríamos e mostraríamos como enunciados representativos desse funcionamento discursivo. Ainda sobre isso, pensamos que as formas de engajamento com a memória da Resistência funcionam à maneira de uma retextualização, na qual cada peça possui seu lugar e seu movimento, em que repetições e diferenças foram notadas no modo singular como cada enunciado se instaurava e produzia sentidos.

Encontrar inteligibilidade sobre como essa discursividade funciona e produz efeitos em práticas heterogêneas na cidade implicou assumir que as diversas formas de textualizar e interpretar a Resistência mantinham correlações entre si e com outras práticas e discursos alhures. A análise atentou para o fato de que a discursividade da Resistência é constituída de séries enunciativas, séries de séries, analisadas tanto em sua especificidade como nas correlações mantidas com outras modalidades enunciativas. Foi desta forma que analisamos a memorialística na obra dos escritores entre as décadas de 1950 e 1970, tentando mostrar aspectos dessa modalidade, inclusive, caracterizando-a como escrita memorialista e não como escrita historiográfica, algo que apontou a necessidade de cortejarmos outras leituras e referenciais fora do campo da linguística. E, contudo, a descrição dessa escrita de memória só se tornou relevante na correlação com os outros enunciados dessa formação discursiva (como os enunciados na mídia apresentados aqui) e mesmo outras linguagens noutras formações discursivas. Descrevemos isso no modo como a narrativa sobre o cangaço se organiza e se dispersa

na escrita de Fernandes (2007), e dos outros, nas caracterizações e representações que fizeram do cangaceiro, ora como bandido cruel, ora como indivíduo religioso, ou como um produto do meio social, vítima da injustiça social ou, ainda, como ser afetado pela biologia ou pela geografia, interpretações presentes em outros estudos clássicos sobre o cangaceirismo. Dizendo com outras palavras, descrevemos duas formas de regularidade entre os enunciados estudados: as correlações internas a partir do modo como os enunciados que tematizam a Resistência ligavam-se uns aos outros, e as correlações externas, no sentido de descrevermos a correlação dos enunciados dessa formação discursiva com outras práticas discursivas e outros domínios de memória, evidenciando a relação dessa discursividade com outras práticas, como o discurso religioso, o discurso midiático, as práticas turísticas, urbanísticas e a própria memória do cangaço. Em específico, pareceu-nos bastante nítido o peso que a memória em torno do cangaço e, sobretudo, do mito de Lampião organizam essa narrativa, sobrepondo-se, algumas vezes, fazendo que certas práticas na cidade passem a cultivar o tema do cangaceirismo mesmo alegando trabalhar os sentidos da Resistência, que ficam em segundo plano. Evidenciamos isso, por exemplo, no Memorial da Resistência Mossoroense e no próprio Museu da cidade, onde há uma forte centralidade da memória em torno de Lampião e do cangaço.

Descrever os efeitos de sentido neste mosaico composto de séries de séries em dispersão, possibilitou apreender os pontos de contato, as retomadas, as ampliações e as transformações pelas quais passaram os enunciados dessa formação discursiva durante as últimas décadas. Como vimos, diversos e múltiplos efeitos são produzidos por essa narrativa da Resistência e, se foi possível apreender certa recorrência temática e certa estabilidade no modo como é lembrada a Resistência, exaltando-se a cidade e o seu povo, fazendo do episódio de 1927 uma espécie de épico mossoroense, também ocorreu de encontrarmos interpretabilidades que de uma forma ou de outra reescrevem essa narrativa ou a ampliam, no próprio movimento do discurso. E assim, apontamos que a memória da Resistência, apreendida em seu funcionamento discursivo, está sempre em devir, em movimento, em transformação, pois ela também não está imune à história.

Ao longo das análises, mostramos diferentes formas de se dizer e mostrar a cidade de Mossoró, grande parte das vezes, por meio de uma tática enunciativa que ligava os sentidos da Mossoró contemporânea àquela cidade do início do século vinte, época na qual a luta contra Lampião ocorreu. Temporalidades e espacialidades se fundem no discurso para fazer com que os significados do passado emanem e

estruturem os sentidos com os quais a cidade é representada nos dias atuais, em outras práticas de discurso. De uma cidade representada à maneira do discurso regionalista como espacialidade de clima hostil e geografia adversa, passando pelas descrições do centro urbano em seus primeiros momentos de expansão e desenvolvimento econômico, representação encontrada nos escritos memorialistas, passou-se a outras formas de representar a cidade, em outros regimes de enunciação que reforçam a ideia de cidade da Resistência, mas que ampliam e redefinem a própria significação da ideia de resistência, deslocando-a pra outros contextos, dizeres e visibilidades. Naqueles contextos, a cidade aparece ainda bem dirigida ou governada para resistir a outros dilemas da contemporaneidade, como foi possível ler nas primeiras materialidades do corpus, transcrições de pequenos textos assinados por uma ex-prefeita. Recontextualização ocorrida na própria tematização dos mossoroenses, desde a descrição dos heroicos líderes da cidade e dos populares, em grande parte anônimos, que teriam lutado com bravura contra os facínoras de Lampião em 1927, até a ideia do resistente atual, que surge nas práticas mais atuais que expandem essa semântica e promovem uma identidade cultural local a ser assumida pelos habitantes contemporâneos. Na geografia e história desse discurso, ser resistente às adversidades parece ser uma condição que o tempo não deixou de imputar aos mossoroenses.

Repetições e descontinuidades também foram percebidas na forma como outra temática central dessa narrativa, a do cangaço, foi sendo trabalhada ao longo dos anos e das práticas. Nesse sentido, mostramos muitas das transformações pelas quais passou a representação do cangaceiro na dispersão dos enunciados que puderam ser agrupados como pertencentes a uma formação do discurso da resistência mossoroense ao bando de Lampião. De bandido maldito a figura turística bem vinda, vimos as várias interpretações do cangaceiro em diferentes enunciados dessa formação discursiva, e vários são os resquícios ou restos semânticos que o mito do cangaço e a imagem de Lampião deixam na cidade.

Resta-nos, por efeito de fim, afirmar que a desmontagem desse mosaico da Resistência possibilitou entendermos os arranjos discursivos e as injunções sociais, políticas e culturais que vêm possibilitando ao longo das décadas a permanência e a centralidade da temática da Resistência na cidade de Mossoró. E mais, compreender que esse discurso produz inúmeros efeitos na cidade, tomando fortes proporções na cultura, na sociabilidade e mesmo na economia mossoroense, tornando possível que instituições,

grupos e indivíduos se organizem e se estruturam em torno de uma mesma prática discursiva.

## REFERÊNCIAS

CASCUDO, Luís da Câmara. Antes da marcha... (prefácio). IN: FERNANDES, Raul. *A marcha de Lampião: assalto a Mossoró*. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado/ Coleção Mossoroense, 2007. p. 19-22.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Notas e documentos para a história de Mossoró*. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado/Coleção Mossoroense, 2010.

FALCÃO, Marcílio Lima. *Uma morte muito aperreada: memória e esquecimento nas narrativas sobre um cangaceiro de Lampião em Mossoró*. 2011. 181f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2011.

FELIPE, José Lacerda Alves. *A (re)invenção do lugar: Os Rosados e o “país de Mossoró”*. João Pessoa/PB: Grafset, 2001.

FERNANDES, Raul. *A marcha de Lampião: assalto a Mossoró*. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado/ Coleção Mossoroense, 2007.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2007.

GREGOLIN, M. do R. Análise do discurso e semiologia: enfrentando discursividades contemporâneas. IN: SARGENTINI, V.; CURCINO, L.; PIOVEZANI, C. (orgs.). *Discurso, semiologia e história*. São Carlos/SP: Claraluz, 2011. p.83-106.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/Revista dos tribunais, 1990.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2008.

PAIVA NETO, Francisco Fagundes de. *Mitologias do “País de Mossoró”*. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado/Coleção Mossoroense, 1998.

PÊCHEUX, Michel. Leitura e memória: projeto de pesquisa. IN: \_\_\_\_\_. *Análise de Discurso*: Michel Pêcheux. Campinas/SP: Pontes Editores, 2011. p. 141-150.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SILVA, Lemuel Rodrigues da Silva. *Os Rosados encenam: estratégias e instrumentos da consolidação do mando*. Mossoró: Queima Bucha, 2004.

**Artigo submetido para avaliação em 21/11/2016; publicado em 16/12/2016.**